O X DO PROBLEMA (uma análise social)

RENATE SCHREINER

O conto "O X do problema", de Lygia Fagundes Telles, se apresenta totalmente perpassado pela preocupação social. A temática do texto se encontra centralizada num episódio da vida de uma família brasileira sem as mínimas condições para uma vida digna de ser humano. O leitor é colocado diante de uma pequena família reunida para assistir ao programa de televisão de Aryosvaldo, também chamado "O X do problema". Atrás da televisão estão escondidos inúmeros, incontáveis problemas da família. César, o pai, parece encontrar-se no centro, diante da televisão, impedido de ver qualquer coisa além dela. Duda e Clorinda parecem ocupar um lugar mais lateral e, mesmo que estejam com sua atenção também dirigida ao programa, sua posição permite que vejam, ao menos parcialmente, a existência dos problemas.

Clorinda revela uma constante preocupação com a situação em que se encontram os personagens. Preocupa-se com o rio que está subindo, com a chuva. Suas observações revelam medo em relação à sua vida em perigo diante da previsão de enchente. Não está totalmente dominada pelo programa, está nervosa, pensa noutra coisa, nota o fedor e a lama e constata que estes vieram do inferno. Ao emocionar-se com a mãe de Ary, lembra-se do próprio filho Nando, anteriormente levado pela enxurrada. Nota-se na personagem Clorinda uma admiração por Ary e uma preocupação com o programa, sentimentos que, entretanto, não conseguem levá-la a ignorar a chuva que os ameaça e a situação calamitosa em que se encontram, e isso demonstra que não está de todo alienada. Ela é a personagem mais clarividente mas, além de não conseguir agir, também não consegue transmitir sua preocupação ao marido. Talvez como reflexo duma sociedade em que domina o homem, tem que submeter-se à despreocupação do marido que, totalmente alienado, tenta afastar o medo da mulher.

Duda, o filho, também revela alguma percepção da situação problemática em que se encontram. Seu espírito crítico atinge o programa de televisão e é ele o único personagem que o põe em dúvida e que não se encontra numa total dependência dele. "O Mário da Nena disse que é marmelada o programa", — são palavras que ele diz e enfatiza através da repetição. Duda sente que o programa é feito para mantê-los presos por tempo ilimitado. Apesar disso, quase paradoxalmente, revela enorme nervosismo em sua torcida por Ary e, mesmo que pareça vislumbrar a farsa na televisão, demonstra ser dependente dela, afirmando que um dia vai ter uma roupa como a que aparece na tela, sem que na verdade consiga vê-la.

Renate Schreiner é mestrandia em Letras na Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Entre esses dois personagens, cuja alienação não é absoluta, encontramos César — o pai, a quem no conto é dada a última palavra: "Um chuvisco de nada, não esquento não, tudo bem, amanhã vai fazer um puta de um sol." Essas suas palavras finais revelam sua total alienação. César não possui nenhuma visão da realidade. Desde o início demonstra enorme preocupação com o aparelho de TV — liga e desliga o aparelho, sacode-o, arranca a antena, tenta colocá-la, já lhe deu murros, gira a antena em giro desvairado. Seu estado de espírito permanece em constante alternância entre o entusiasmo e o nervosismo em relação ao programa. Através da preocupação com a visibilidade da imagem e com as respostas de Ary e também através dos entusiasmos de sua torcida, com a qual parece querer dar força ao personagem do programa, procura ignorar e abafar toda e qualquer preocupação com relação à situação em que eles próprios se encontram. Seu nervosismo se deve ao Ary e não à chuva e à miséria em que vivem — e manda a mulher calar a boca — tudo é "besteira" — o pior passou — esse cara (da previsão do tempo) "saca demais". Também não alcança a problemática lançada pelo filho, quando este afirma que o programa não acaba nunca e afirma querer o Zico e não o Pelé. No final sente-se vitorioso e sai para forrar o peito, porque julga merecê-lo, mas não sem antes consolar a mulher: "É um chuvisco de nada (...) amanhã vai fazer um puta dum sol."

Escondidos ou afastados pelo programa de televisão encontram-se os inúmeros problemas enfrentados pela família. Em primeiro lugar o aparelho de televisão não funciona e todas as tentativas para resolver esse problema são infrutíferas. É o problema conscientemente vivido pelos personagens. O problema maior, entretanto, é a chuva. A enxurrada já tomou conta da casa, a televisão havia sido guardada no fogão e assim mesmo molhara. A casa está podre, a parede pode cair. O fedor está insuportável. A miséria da família é total. Até o Nando foi na enxurrada. Constata-se que a chuva — fonte do maior problema que os ameaça — está relacionada com a pobreza absoluta em que vivem.

Paira sobre a família "O X do problema" que é a situação de miséria em que se encontram, ameaçados por um futuro tenebroso. Clorinda caracteriza sua situação como inferno e afirma que o diabo entrou na TV. A chuva e o rio subindo representam o dilúvio do qual não parece haver escapatória. A TV com o programa de Aryosvaldo — O X do problema — impede a visão da realidade, ou seja, do verdadeiro "X do problema" e há menção de que o jogo de futebol exerça o mesmo papel. Da mesma forma a propaganda influencia e domina as pessoas. Os programas triviais estão ligados à ideologia do capitalismo e reforçam a estrutura da exploração — pessoas morrendo de fome, em condições de vida subumanas, se entusiasma com o programa em que a máxima recompensa é dada a quem conhece as jóias da marquesa dos Santos. César nunca enfrenta seus problemas, está prestes a ser levado pelo dilúvio e sai de casa com espírito vencedor, cheio de esperança — e esse alienamento jamais vai permitir que ele saia dessa situação.

Em seu livro *Literatura e sociedade*, Antonio Candido ressalta o valor da obra que ultrapassar o limite de seus personagens e alcançar a universalidade, tornando-se fator de exemplaridade. Assim poderíamos relacionar a situação dos personagens do conto com a situação do Brasil — um povo lu-

dibriado não vê seus problemas. Milagres econômicos, obras faraônicas, planos cruzados, futebol... escondem o "X do problema". O povo aceita a situação, tentando consolar-se e não luta pela solução de seus problemas. Se é como Clorinda pressente — que o próprio diabo entrou na TV, este impedimento da visão da realidade é de intenções maléficas premeditadas da parte de algum poder e estaria em contraposição com o dilúvio, que representa o castigo que será imposto a todos que se deixam levar pela visão enganosa. Representa a oposição entre o bem e o mal, ou seja, alienar-se é estar ao lado do mal. Lutar, enfrentar os problemas, no mínimo conscientizando-se deles, seria talvez o início da construção da arca que leva Noé a sobreviver ao dilúvio.

Seguindo idéias de Lukács, Antonio Candido também afirma que numa obra de caráter social, este aspecto social deve estar intrínseco na estrutura da obra. Com relação ao texto em estudo, podemos constatar que a televisão é o fator de alienação e simboliza o impedimento de ver o verdadeiro "X do problema". Correspondentemente, se na televisão a imagem não pode ser distinguida ao certo, na realidade os personagens também não reconhecem sua situação problemática com nitidez.

Na televisão, às vezes, de leve, vê-se ou ouve-se. A isso correspondem as menções de Duda ou de Clorinda que chegam perto da percepção da situação. Além disso, a música do programa constantemente lembra que existe o "X do problema". Correspondentemente, chuva, ratos, cheiro, colchões, pilhas de jornais sob a TV, falta de Nando, TV molhada, antena caída, etc, indicam o problema real de suas existências.

Continuando, o diabo entrou na TV: "a imagem escorria empastada, as silhuetas se derretendo como cera no fogo, o líquido se fazendo gasoso na composição e decomposição das imagens (...) entre estalidos na máquina metalizando vozes e risos, fragmentados em pequenas explosões". (p.114) Esta cena de inferno, tão claramente descrita, também encontra correspondência na vida dos personagens. Clorinda constata que sua vida é um inferno e a descrição da vida da família de César, terrível e dolorosa, torna-se claramente visível na descrição infernal da imagem do aparelho de televisão.

Na televisão, as imagens estão sobrepostas, não claras, embaralhadas, assim necessitando serem decifradas. Em correspondência a este aspecto, penetramos na camada do código lingüístico. Constatamos que os diálogos, a base para a percepção do pensamento dos personagens, também estão sobrepostos, intercalados. Tornam-se claros apenas com uma leitura atenciosa. O mesmo acontece com assuntos e personagens que também variam, sobrepondo-se uns aos outros. A narrativa flui aos trancos num emaranhado de superposições e alternâncias, angustiando e confundindo, como se angustiam e se confundem os personagens.

Desta maneira, o aspecto social, aparentemente externo da obra, tornou-se interno ao se tornar parte da própria estrutura do texto. O emaranhado da situação de miséria, indecifrável aos personagens, aparece no entrelaçamento, na alternância rápida de situações, assuntos, pensamentos, narradores. De resto, como o personagem César nada conseguiu entender com relação à situação em que se encontra, pode sair de casa, deixando para a

mulher o consolo de que está tudo bem, palavras que expressam sua total alienação e sua incapacidade absoluta de discernimento da realidade.

Outro aspecto importante de ser observado é o fato de que, na televisão, o processo de comunicação se concretiza essencialmente através da imagem visual, acompanhada do aspecto sonoro, ou seja, auditivo. Da mesma forma, a descrição no texto é calcada no aspecto visual, por exemplo, os colchões enrolados, a TV embaralhada sobre a pilha de jornais, a poça d'água com a antena, o rato com o olhar do rato, Duda se coçando, a braguilha aberta, os colchões furados, César gesticulando, dando murros no ar, Clorinda brincando com a crina dos colchões ou César, enfiando as mãos nos bolsos com seu queixo nítido de vencedor. Os aspectos auditivos, tal qual a trilha sonora de um filme, perpassam o texto como um fundo musical de ruídos, chuva, chuveiro e música.

A televisão centraliza com o seu programa a atenção dos personagens. É ela a rainha absoluta — é quem mantém o controle sobre todos eles. As características da televisão são transpostas à linguagem do conto e a vida terrível e infernal das pessoas, novamente torna-se visível nas imagens da televisão. E nesse aparelho caindo aos pedaços sente-se o desmoronamento próximo de casa e pessoas. O conto assume a linguagem visual da imagem da TV e é perpassado pela trilha sonora dos ruídos que acompanham essa imagem.

O episódio descrito nesse conto é um recorte que pode ser tomado como ponto de partida e serve como exemplo para a situação em que se encontram os personagens descritos e, além deles, muitas pessoas no Brasil. Desta maneira, o conto atinge a universalidade. O programa na TV segue uma sequência constante, infinita e os dias da existência da família de César também seguem nesse mesmo fluxo contínuo e interminável. Para essa família não existe perspectiva de melhoria de vida. E ela não é exemplo único da sociedade brasileira — existem a Mercedes (que pode ter comido o gato), a Circe, a Creuza, o Silésio, sugerindo o início de uma relação interminável de "Césares" distribuídos pelo Brasil. E se o nome César, historicamente lembra o poderoso imperador romano a ditar normas — este César, do conto, também vai forrar o peito com espírito de "imperador" e apresenta-se como o exemplo para a sociedade brasileira em que impera a miséria, a alienação e a total subjugação. Este personagem César é o inverso do personagem histórico — sem ação — domina e suporta seu dia-a-dia apenas através de uma total alienação.

Notamos que, através desse conto, Lygia Fagundes Telles transmitiu com clareza certa visão de mundo em que o homem, subjugado por uma situação opressora, torna-se vítima da sua própria alienação, sem atingir um grau mínimo de conscientização. A autora soube se valer de instrumentos adequados para transmitir sua mensagem, como diria Antonio Candido. O aspecto social abordado na obra é relevante, porque participa da estrutura do texto. No conjunto como no pormenor, os mesmos princípios dão forma à matéria. O aspecto social pode ser considerado expressivo, porque participa da obra como um todo indissolúvel, onde desaparecem as fronteiras entre conteúdo e forma.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CÂNDIDO, Antônio. *Literatura e sociedade*. 2.ed. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1967. 220p.
- TELLES, Lygia Fagundes. O X do Problema. In: *Seminário dos Ratos* 4. ed. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1984. p.113-8.